

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, os seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 10. Maus garotos, crianças sozinhas

**Responsável EOL:** Roberto Bertholet

**Participantes:** Daniel Aksman, Silvia Bermúdez, Verónica Carbone, Pedro Pablo Casalins, María de los Ángeles Córdoba, Alejandro Daumas, Marcela Errecondo, Silvana Facciuto, Fabián Fajnwacks, Mariana Gómez, Oliden Rubén López, Silvia Pino, José Manuel Ramírez, Virginia Thedy, Norma Vilella, Diana Wolkowicz.

O argumento do VIII ENAPOL 2017 **Assuntos de família. Os seus enredos na prática**, foi o ponto de partida que ofereceu uma orientação ao trabalho:

Um traço decisivo do estado atual da civilização ocidental é que as famílias têm se modificado ao ritmo do declínio do pai [...]. É cada vez mais frequente a existência de famílias sem pai, comandadas por mães sozinhas [...]. Neste contexto, as crianças malvadas (pobres ou ricas) apresentam-se como desafiadoras da autoridade [...].<sup>1</sup>

A temática “maus garotos, crianças sozinhas” apresenta-se opaca, de difícil acesso e sem mostrar uma clara causalidade tanto entre os seus elementos quanto em relação a conceitualizações estabelecidas. Encontra-se muito desenvolvida no campo da sociologia, onde as coordenadas da causalidade costumam ser referidas principalmente às condições de vida familiar ou social.

O interesse por esclarecer alguma aresta do real que se encontra em jogo no significante “maus garotos, crianças sozinhas” tem provocado, neste grupo da EOL, um trabalho de pesquisa, que deu como resultado este texto.

1) Dizer “maus garotos” pode ser uma maneira de abrir um juízo de valor, com uma forte pregnância imaginária, sem fundamento e só mesmo preconceito.

---

<sup>1</sup> Argumento do VIII Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana. Disponível em:

<http://www.asuntosdefamilia.com.ar/es/template.php?file=Argumento.html>

Esta forma de segregação tem fortes consequências nos laços sociais quando promove sentenças inapeláveis, encontrando-se a causa na condição de “vadio” destes jovens, ou num déficit da família ou da instituição escolar.

O juízo de atribuição de “maus garotos” leva a um ponto de fuga com a nostalgia de um pai ideal, promovendo imediatamente efeitos de segregação, segundo os ensinamentos de Lacan em “Proposición...”.<sup>2</sup>

Por sua vez, desde outro ângulo – que exhibe a extimidade deste processo –, levamos em consideração que se apresentar ao Outro familiar ou social com um semblante de violência ou maldade pode ser, paradoxalmente, a maneira em que o sujeito tenta uma identificação. Em muitas ocasiões, é justamente essa identificação com o segregado o que o sujeito consegue, com a finalidade de se inserir em um laço social, através da qual tenta falidamente resolver a exclusão.

Embora seja inevitável utilizar a expressão “maus garotos”, preferimos problematizá-la, devido a que constituir o conjunto sob o S1 “maus garotos” os uniformiza. Entendemos que haja crianças e jovens que expressem, em maior ou menor medida e de diferentes maneiras, esse *Kakon* que os habita, um modo de gozar que pode ser violento, cruel, hostil e, certamente, destrutivo.

2) Nem em Freud nem em Lacan encontramos uma conceitualização sobre a maldade, embora o termo apareça em relação com o mal-estar na cultura e com a guerra, com todas as ressonâncias filosóficas que contêm desde a Grécia antiga, passando pelos debates morais em tempos do Império Romano, especialmente na pluma dos estóicos, os autores de tempos da modernidade (Descartes, Spinoza) e do século XVIII e XIX (Kant, Schopenhauer e Schelling, especialmente). Vamos ter que utilizar o conceito tão fundamental como a pulsão de morte, para captar o alcance da maldade- para além do princípio do prazer – na vida do ser falante.

A prevalência do múltiplo e da imagem, em combinação com a queda da autoridade do Outro, com a inoperância do Outro da tradição e a desvalorização do transmitido pela família e pelas instituições educativas, traz consequências nas comunidades de adolescentes e nos modos de gozo que tomam cada vez mais as características do não-todo, onde não há regulamentação pelo Ideal. A busca de satisfação está empurrada a formas de gozo ilimitadas, viciadas e não reguladas pela lógica falo/castração, derivada da função metaforizante, nem pelos “diques

---

<sup>2</sup> Lacan, J., Proposición del 9 de octubre de 1967, sobre el psicoanalista de la Escuela. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, pp. 274-276.

anímicos” – nojo, vergonha e moral – que Freud considerou tão necessários para canalizar a pulsão.

Lacan pensa o laço social a partir do fantasma e do gozo e não somente em razão da identificação. Assim, a civilização atual está melhor retratada em “O mal-estar na cultura” de Freud, onde destaca o supereu e a pulsão de morte, que em “Psicologia das massas e a análise do eu”, onde, em primeiro lugar, assinala a identificação com o líder e a regulação pelo Ideal.

Em momentos de uma evidente fragilidade da ordem simbólica, de uma desordem no real, do império das imagens e as suas consequências sobre as instituições, a família e o sujeito não resultam indiferentes a tantas mudanças.

Essa “desordem no real” leva a uma relação mais imediata, prescindindo do percurso simbólico, entre o sujeito e o gozo, e mais ainda pela rejeição da castração própria do discurso capitalista, que produz foraclusão do amor.

Uma das consequências destas transformações é o acesso, em curto-circuito, ao adicional do prazer. Cinismo atual, que prescinde da sublimação e obtém na solidão um gozo imediato, sem passar pelo desejo do Outro.

**3) Dois ângulos para a abordagem do tema:**

a) Desde o paradigma determinista, consequência da fórmula: “tem saber no real”.

b) Desde o ângulo da indeterminação do sujeito, consequência de “o real é sem lei”.

Nesta pesquisa, orientamos os estudos a partir de duas dimensões que Jacques-Alain Miller tem elucidado, em sucessivas operações de leitura, no ensinamento de Jacques Lacan:

a) a perspectiva determinista da regulação do gozo, da qual se destacam o simbólico e o semblante como operadores estruturais para “refrear o gozo”.<sup>3</sup> Podemos reconhecer, desde este ângulo, os momentos significativos de uma história familiar, angústias, interpretações fantasmáticas, as identificações e os sintomas em resposta ao desejo do Outro, aos segredos do gozo dos pais – sobre como eles têm inventado uma “solução” à relação sexual que não existe e como essa solução pode gerar não somente uma experiência agradável, mas também consequências tais como significações de abandono, reações de enlouquecimento, paixões de violência, ódio, efeitos de estrago, etcétera.

---

<sup>3</sup> Lacan, J., *Alocución sobre las psicosis del niño*. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 384: “Toda formação humana tem por essência, e não por acidente, refrear o gozo”.

b) Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer a dimensão de “o real sem lei”, o singular da eleição de gozo, que na lógica causa-efeito sempre expressa um ponto de indeterminação, da ordem de um “clinamen”<sup>4</sup>, um desvio incalculável – *a priori* – com consequências surpreendentes em nível do tratamento do real por parte de cada ser-falante.

Consideramos estes dois ângulos de forma topológica, como uma banda de Möebius, sendo precisos os dois ângulos de leitura.

O primeiro resulta determinista, destacando-se aí os “assuntos de família” e a sua relação com o Outro social. Existe uma maldade e uma solidão inerentes à vida humana, transmitidas desde os tempos edípicos, pela via da transmissão familiar de valores, ideais, significações, das que a criança se apropria através de identificações em diferentes momentos. Dessa transmissão ficam restos de maldade e solidão que darão diferentes consequências sintomáticas.

Por sua vez, o outro ângulo destaca o sujeito como ponto de indeterminação, pois o que se encontra em jogo é da ordem de uma insondável eleição de gozo, fora de sentido. De maneira tal que não é adequado explicar o fenômeno “maus garotos, crianças sozinhas” somente como resultado dos “assuntos de família” ou dos inegáveis fatores sociais que em muito afetam a crianças e adolescentes.

#### 4) A maldade e a solidão são maneiras de gozo, eleições forçadas.

Reconhecer que não é suficiente ler o que aparece da maldade na clínica somente como sintoma, fez-nos pôr ênfase no querer-gozar da maldade por sobre a dimensão metafórica do querer-dizer. Neste percurso, contamos com a inovadora perspectiva que Jacques-Alain Miller apresenta nas 4as Jornadas do Instituto da Criança da Universidade Popular Jacques Lacan, em março deste ano.<sup>5</sup> Propõe nessa palestra uma pergunta que conectamos com o nosso percurso: “de qual pulsão a violência seria a satisfação? Nessa palestra, Miller apresenta a sua tese sobre um tipo de violência nas crianças: “a violência não é substituto de uma satisfação pulsional. É satisfação da pulsão de morte”. Dessa maneira, essa violência fica do lado de Thânatos, a diferença do ódio que é do campo da mistura/desmistura pulsional Eros/Thânatos. “O ódio é um vínculo muito

---

<sup>4</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 1991. Clase V del 12 de febrero de 1964: “Tyche y automaton”, p. 71.

<sup>5</sup> Miller, J.-A., *Enfants violents*. Participação no evento de encerramento das 4as Jornadas do Instituto da Criança, da Universidade Popular Jacques Lacan. 18 de março de 2017. Disponível em:

[https://www.apreslenfance.com/?wysija-page=1&controller=email&action=view&email\\_id=167&wysijap=subscriptions](https://www.apreslenfance.com/?wysija-page=1&controller=email&action=view&email_id=167&wysijap=subscriptions)

forte com o Outro; é um vínculo social eminente”: a violência, então, pode ser sintoma em função do ódio – implicando um vínculo social, ou, em ocasiões, satisfação da pulsão de morte – neste caso, na solidão radical de um gozo fora de sentido.

Assim, a sua tese sobre um modo particular de violência nas crianças nos permite tratar a pergunta pelos “maus garotos” não somente do ângulo da maldade como sintoma, seja neurótica ou psicótica - ângulo que também leva em consideração Miller em sua intervenção-, mas também desde a seguinte afirmação: a violência nas crianças nem sempre é um *sinthome*. Em tais casos, não é o resultado de uma repressão, senão que é uma marca de que a repressão não operou. É a violência não como substituto da satisfação da pulsão, senão que é satisfação direta da pulsão de morte.

O que se opõe a Eros não é, na verdade, o ódio. O que se opõe a Eros é a violência sem sentido, um real sem lei, sem relação ao Outro, pura expressão da pulsão de morte.

A criança violenta é aquela que rompe e que encontra uma satisfação no simples ato de destruir. [...] Pode ser que a violência da criança anuncie, expresse uma psicose em formação. [...] Que seja um puro gozo no real não necessariamente evidencia a psicose. Isso significa, no máximo, uma rasgadura na trama simbólica e deveríamos saber se é pontual ou estendida.<sup>6</sup>

A maldade, na violência fora de sentido, apresenta um gozo que não é sintomático. É a posta em ato da pulsão de morte, sem significação, um gozo fora de sentido.

Quanto à maldade e à violência como sintoma, não terá poucos efeitos o lugar destinado à criança na economia libidinal de uma família. E estará por considerar-se o direito que a criança tem de se rebelar perante o desejo do Outro, por via da separação.

Esta violência, nas neuroses ou nas psicoses, que resulta ser sintoma em relação com o ódio, localizamo-la no campo do Eros, no laço com o outro.

Por último, interrogamo-nos pela relação entre maus garotos e crianças sozinhas, pelo estatuto que isto tem para nós. O nó “maus garotos - crianças sozinhas” pode ser abordado de duas maneiras diferentes: uma, em relação com a solidão radical posta de manifesto na violência fora de sentido; e em outros casos, por outro lado será a expressão sintomática de um profundo desarranjo no laço com o Outro.

---

<sup>6</sup> *Ibidem*.

Estas eleições de gozo e as suas relações com os assuntos de famílias interrogam as articulações entre o gozo e o Outro, eixo fundamental para conectar “maus garotos, crianças sozinhas” com o tema central do VIII ENAPOL.

5) Os assuntos de família manifestam-se sempre no contexto de uma época específica, o que nos leva a considerar que a época de declínio do Nome-do-Pai faz notar as suas consequências sobre esta temática. Interrogamo-nos como os assuntos de família na sociedade atual produzem estes modos de respostas que nos levam a pensar a maldade e a solidão em seu estatuto mais radical.

A família cumpre a função de ser uma construção ficcional, defensiva, perante o real. Lugar primário de encontro com o significante do Outro e com o desejo do Outro. Cumpre sua função através da transmissão dos significantes do Ideal: valores, sentidos da vida, proibições e diferentes maneiras de regulação do gozo pulsional. Também é o lugar de encontro com o desejo do Outro: o desejo da mãe, enigmático ou, em muitas ocasiões, louco. E obviamente, o lugar de encontro com as posições inconscientes do pai, quando houver.

Além disso, a família é o espaço sensível sobre o qual impactam as metamorfoses de cada época. Orientados pelo argumento do VIII ENAPOL quando afirma “é cada vez mais frequente a existência de famílias sem pai comandadas por mães sozinhas”, em relação, por sua vez, com o estado atual da civilização ocidental em que as famílias têm se modificado ao ritmo do declínio do pai, escolhemos três momentos dos ensinamentos de Jacques Lacan, nos que – segundo o nosso entendimento- revela os impulsos fundamentais do desejo da mãe em relação com o declínio do Nome-do-Pai:

- Em *O seminário 4* (1956-1957).
- Em “Nota sobre a criança” (1969).
- Em “Seminário 21” (1973-1974).

Em *O seminário 4*, analisa a função da criança para a mãe, com relação ao falo que é objeto de seu desejo, se é metáfora ou metonímia. E afirma:

Não é em absoluto o mesmo se a criança é, por exemplo, a metáfora de seu amor pelo pai, ou se é a metonímia de seu desejo do falo, que não tem e que nunca terá.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 4. La relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós. 1994. Clase XIV del 20 de marzo de 1957: “El significante en lo real”, p. 244.

Em “Nota sobre a criança” dá um passo para além do falo em direção à dimensão de objeto que, para uma mãe, seu filho pode estar destinado a tomar:

[...] desejo da mãe, se ela não tem mediação (normalmente garantida pela função do pai), deixa a criança aberta a todas as capturas fantasmáticas. Devém o objeto da mãe e já não tem outra função que a de revelar a verdade desse objeto [...] objeto *a* no fantasma.<sup>8</sup>

Em “Seminário 21”, a mãe que se basta por si própria substitui a função metaforizante pelo “nomear para”, dando em consequência um empurrão ao gozo, desregulado. Quando a repressão não opera, apresenta-se em consonância com o discurso capitalista e com os imperativos de gozo da época:

Trata-se do viés de um momento que é aquele que vivemos na história. [...] O que vivemos é precisamente isto: que [...] quando ao Nome-do-Pai se substitui uma função que não é outra mais que a de “nomear para” [*nommer á*]. Ser nomeado ou designado para algo, eis o que desponta em uma ordem que se vê efetivamente, substituir o Nome-do-Pai. Exceto que aqui, a mãe geralmente se basta por si própria para designar o seu projeto, para efetuar o seu traçado, para demarcar o seu caminho [...]. Ser nomeado para algo, eis o que, para nós, é o ponto da história em que nos encontramos, parece preferir -quero dizer efetivamente preferir, passar antes- ao que tem a ver com o Nome-do-Pai.

E em se falando de “assuntos de família” em sua relação com a época, afirma uma questão precisa e esclarecedora, destacando o predomínio do “nó” que produz “a trama de tantas existências”:

É muito estranho que aqui o social adquira um predomínio de nó, e que literalmente produza a trama de tantas existências; ele detém esse poder de “nomear para” ao ponto de que, com isso, e depois de tudo, seja restituída uma ordem [...]. Toma o social, que hoje é para nós aquilo do neoliberalismo e do empresário de si [...] é restituída, com isso, uma ordem, uma ordem que é de ferro; o que designa esse vestígio como retorno do Nome-do-Pai no Real, ao passo que precisamente o Nome-do-Pai está *verworfen*, foracluído, rejeitado? E se a esse

---

<sup>8</sup> Lacan, J., Nota sobre el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 394.

título designa essa forclusão da que eu disse que é o princípio da própria loucura, - por acaso esse “nomear para” não é sinal de uma degeneração catastrófica?<sup>9</sup>

Sobre a pulsão de morte, podemos conjecturar que “o mau garoto”, em sua versão de maior violência, está habitado por um núcleo de "criança sozinha", “sozinha” para essa mãe que não tem preferência pelo pai, mãe na qual reina a voz do supereu e esse “nomear para”, sinal de uma “degeneração catastrófica”.

6) Sobre “enredos na prática”, percorremos detalhes significativos de alguns materiais clínicos, para destacar o desejo do analista em jogo e as apostas que cada analista tem feito, orientado ao tratamento do real, na direção da cura. Também foi útil considerar realizações artísticas relacionadas ao tema, como filmes (por exemplo: “De cabeça erguida”- nome original: *La Tête Haute*) e seriados (por exemplo: *Por 13 razões*- nome original: *13 Reasons Why*). Da mesma forma, tomamos como referente da época o “jogo”, viralizado na internet, “Baleia azul”, que incita os adolescentes a desafios macabros (a se fazer dano), em cinquenta passos, até empurrá-los ao suicídio.

Sobre as possíveis intervenções de um analista, perguntamo-nos pelas manobras que podem ser implementadas diante da repetição de um real que não se apresenta dócil à dialética significante. Nesse sentido, foram úteis não só os materiais clínicos, mas também o trabalho de um analista no contexto de um “Programa de Liberdade Assistida”. Em todos os casos, - como chegaria o analista a ser o parceiro-sintoma conveniente para sujeitos que se apresentam desafiando a autoridade?

A propensão à atuação implica um "já não quero saber de mais nada" e, com frequência, é utilizada pelos setores canalhas da sociedade, gerando-se um circuito nefasto: desarraigados, capturados em identificações a um  $S_1$ , a partir do modo de gozo, conseguindo um afinco muito precário.

Grande parte das violentas manifestações dos "maus garotos, crianças sozinhas” não conseguem gerar “enredos na prática” porque não conseguem se apresentar ao psicanalista nem consentir nenhum tipo de tratamento através da palavra. Por isso, as instâncias do Outro que intervêm são as que, no contexto do simbólico, implicam uma coerção em nível do real: a intervenção da polícia, o procedimento judicial e a privação da liberdade carcerária. Vamos apresentar o

---

<sup>9</sup> Lacan, J., “Seminário 21: *Les non-dupes errent*”. Clase del 19 de marzo de 1974. (Inédito).

trabalho que um dos membros desta equipe faz como integrante do “Programa de Liberdade Assistida”, no contexto da “Secretaria Nacional da Criança, Adolescência e Família”. Os adolescentes, de 13 a 21 anos, derivados dos Julgados Nacionais de Menores de Capital Federal, Julgados Federais e Tribunais Oraís de Menores, apresentavam actings e passagem ao ato, conjuntamente com uma notória desinserção.

O analista devia fazer as manobras convenientes no meio social onde o adolescente vivia (casa, escola, centro médico ou num bar), sabendo que nenhuma resposta padronizada conseguiria ter eficácia e que, perante as exigências do imperativo social que demanda algo codificável, devia estar sempre aberto à contingência e à surpresa. Na maioria dos casos, quando conseguia ser aberta a dimensão da transferência, produzia-se uma mudança evidente.

A partir do uso do semblante, é proposta uma articulação possível à palavra, de tal maneira que seja reinstalada a dimensão do Outro ao qual o sujeito possa se dirigir. Para isso, o analista não se identificava com nenhum dos papéis que o seu interlocutor quer lhe fazer jogar, nem a nenhum magistério ou ideal presente na civilização. Em ocasiões, podia ser efetivo um semblante de amabilidade, a partir do qual estaria mais próximo de uma relação de confiança. Outras, um semblante de preocupação desde onde pudesse se fazer uma pergunta. Ou um semblante de interesse pela sua existência. Em outras, uma presença que introduzisse um limite. Para além das regras e das normas, dar espaço ao detalhe singular permitiu obter, em muitas ocasiões, uma nova orientação.

Queremos pôr em destaque, por último, a importância da formação do analista, em sua análise e no laço com a comunidade analítica, para poder se localizar o mais corretamente possível perante expressões tão complexas e difíceis na prática. Compartilhamos o ensinamento de Eric Laurent: “Quando Lacan afirmava que ‘o analista tem que estar próximo de sua maldade’, diz algo da área do amor-ódio que o analista, para lhe permitir ao sujeito acessar a essa área, tem ele próprio que, provavelmente, ter experimentado essa área na sua própria análise. Pode-se dizer que nessa área, o analista se torna mais próximo, ao mesmo tempo, da sua maldade e da sua posição como analizante”.<sup>10</sup>

*Traduzido por María Emilia Vico*

---

<sup>10</sup> Laurent, É., Violencias y pasiones. *Bitácora Lacaniana* Nº 5. Octubre 2016, p. 23.